

# DF- Carta de Brasília

08 SET 2005

JORNAL DE BRASÍLIA

## PAULO CASTELO BRANCO

Brasília será sede, entre 11 e 15 deste mês, do Primeiro Congresso Internacional em Planejamento e Gestão Ambiental, patrocinado pela PUC de Brasília. O evento contará com a participação de urbanistas e técnicos de 25 países para debater os problemas entre os seres humanos e o meio ambiente urbano, além de analisar os impactos socioambientais da urbanização.

O fundamento do congresso é a *Charta de Atenas* que, escrita em 1933, representa os rumos do urbanismo mundial. À época, um grupo de pesquisadores discutiu como o paradigma da arquitetura moderna poderia responder aos problemas causados pelo rápido crescimento das cidades. No estudo foram pesquisadas 33 cidades e estabeleceram-se regras para as graves questões do saneamento, transporte e ocupação do solo.

A Carta de Brasília será o nascimento de um novo urbanismo em escala mundial, considerando a sustentabilidade a partir da única cidade construída no século 20 e tombada pela Unesco como Patrimônio da Humanidade.

É uma ótima oportunidade para os brasilienses apresentarem, orgulhosos, a cidade onde vivem. Brasília, desde a sua fundação, é laboratório de experiências exitosas quanto à convivência entre os seres humanos. Inicialmente,

pela determinação do presidente Juscelino Kubitschek em construir a nova capital e arregimentar milhares de pessoas de todos os cantos do País para o trabalho braçal. Essas pessoas, de origens e culturas diferenciadas, animaram-se com as promessas do presidente e se uniram no mutirão que permitiu o ritmo acelerado das obras e a dedicação ao trabalho diuturno. Os profissionais da arquitetura e da engenharia, já renomados em suas cidades, se misturaram aos peões transformando o trabalho em alegria de ver a cidade nascendo.

Naquela época, as famílias dos candangos ficaram em seus estados, mas, mesmo assim, as desavenças naturais em grandes obras foram superadas pela formação da sociedade antevista por Dom Bosco.

A *Charta de Atenas* já demonstrava que a maioria das cidades estudadas vivia no caos, pela desorganização urbana. Em Brasília, com a inauguração da cidade em 1960, viveu-se momentos de instabilidade em virtude da grande parcela dos trabalhadores que decidiu trazer suas famílias para viver no novo eldorado. Como não havia sido prevista a permanência deles na cidade administrativa, a solução foi a construção de barracos em áreas ainda não edificadas, gerando inúmeras favelas no Plano Piloto. Os governos, incapazes

de promover a volta dos trabalhadores às suas origens, criaram núcleos habitacionais distantes do centro para que fossem alojados os construtores da cidade. A decisão, justa, gerou novas expectativas em outros brasileiros desprotegidos da ação governamental dos seus estados.

A meta de Juscelino Kubitschek de criar pólos de desenvolvimento com a instalação de núcleos agrícolas ao longo da estrada Brasília-Belém não se concretizou no tempo adequado e o Distrito Federal, que deveria ser somente pólo indutor de progresso, acabou por se transformar em sonho e esperança de vida melhor.

Sob a gestão de José Aparecido de Oliveira, que incluiu Brasília como Patrimônio da Humanidade, e na administração de Joaquim Roriz, as soluções para os problemas sociais e ambientais foram implantadas, e hoje a capital é considerada uma das melhores cidades, do mundo, em qualidade de vida. O exemplo de Brasília, com a criação das novas cidades, a preservação do meio-ambiente, a organização do tráfego, o metrô, a saúde, a educação e a segurança, servirá para demonstrar aos pesquisadores como é possível conciliar a qualidade de vida com a urbanização.

**PAULO CASTELO BRANCO** é advogado.